

One Flew Around the Cuckoo's Nest: a regeneração da "América" como perpétua exclusão do "Outro"

João Paulo Guimarães

Resumo:

Neste ensaio tece-se uma leitura mais cautelosa, ou porventura pessimista, do romance *Voando Sobre um Ninho de Cucos*, de Ken Kesey, tradicionalmente visto como representativo de uma concepção liberatória e etnicamente inclusiva do "Sonho Americano". O nosso ponto de partida será a obra *Rituais de Consenso*, do americanista Sacvan Bercovitch, e, em particular a sua ideia de que a "América" é um conceito intrinsecamente contraditório, estando a sua dinâmica de inclusão necessária e ironicamente vinculada a uma imposição de limites face às identidades que podem ser incorporadas no seu domínio utópico. A interpretação que aqui proponho visa, então, chamar a atenção do leitor para um número de episódios, até aqui subexplorados pelos estudiosos deste romance, que sublinham a posição ambivalente, e talvez fatalista, do narrador, o americano nativo Chief Bromden, em relação ao discurso aparentemente celebratório mas, em última instância, restritivo, do protagonista Randle McMurphy.

Palavras-chave: Sonho Americano; Puritanismo; Movimento dos direitos cívicos; Loucura; Multiculturalismo.

Abstract:

This essay offers an uncommonly cautious, and perhaps downright pessimistic, reading of Ken Kesey's *One Flew over the Cuckoo's Nest*, traditionally seen as a novel that provides an ethnically inclusive and celebratory take on the "American Dream" and, as such, echoes the feel-good attitude of the counter-culture it emerged from. Our point of departure will be Sacvan Bercovitch's classic American Studies work *Rites of Assent*, in particular its view that "America" is an intrinsically contradictory concept, its inclusive momentum being ironically but necessarily linked to the imposition of a series of ever-changing limits to the incorporation of certain identities into its utopian domain. The interpretation that I propose here aims, thus, to draw the reader's attention to a number of episodes, so far under-examined by scholars of this novel, which underline the ambivalent stance, and perhaps the unabashed fatalism, of the narrator, the Native-American Chief Bromden, vis-à-vis the seemingly all-inclusive but, ultimately, restrictive nationalistic discourse generated around the white protagonist, and purported Beat maverick, Randle McMurphy.

Keywords: American Dream; Puritanism; Civil Rights Movement; Madness; Multiculturalism.

Introdução

Who Flew over the Cuckoo's Nest? - Explorando as Possibilidades de um Desfecho Ambíguo

One Flew over the Cuckoo's Nest foi publicado em 1962, no início de uma década que ficou gravada na história dos EUA como uma das mais importantes em termos revolucionários. Com o final da Segunda Guerra Mundial e o arranque da Guerra Fria, iniciara-se um período de conformismo feroz, durante o qual o poder falocrático tentou recuperar a solidez da sua supremacia. Essa era de repressão, nomeadamente sexual, racial e política, viria a desembocar em vários momentos de questionação do status quo durante o Movimento pelos Direitos Cívicos.

Aos olhos de alguns críticos, a atitude de rebeldia que as personagens do romance de Ken Kesey assumem relativamente ao poder da sociedade dominante pode ser vista como um apelo à mobilização social e ao activismo que viriam a marcar a década de coragem e optimismo dos anos 60.¹ No entanto, o livro parece oferecer algo mais do que uma simples dicotomia de opressão vs. liberdade.² Com efeito, Bromden, personagem mestiça que narra a obra, consegue, triunfantemente, sair em liberdade no final, consumando o voo que o título da obra prometera ao leitor: “Senti-me como se estivesse a voar. Livre.” (Kesey, 2005: 280)³. Contudo, o ambíguo desfecho da narrativa deixa transparecer alguma ansiedade relativamente ao êxito da atitude herética do índio. O leitor é deixado na dúvida: não só não sabemos se Bromden conseguiu voar rumo ao seu passado e à sua identidade índia, como também nos intrigamos se o protagonista chegou, alguma vez, a sair do manicómio. Daí a misteriosa frase que remata o livro: “Estive longe demasiado tempo” (Kesey, 2005: 281).

¹A título de exemplo, no seu ensaio sobre o romance de Kesey intitulado “Out of the ‘50s, into the ‘60s”, o crítico Robert Rosenwein aponta que, em contraste com os autores da Beat Generation, caracterizados por uma posição de escapismo relativamente ao social, Ken Kesey advoga uma atitude de irreverência e intervencionismo: “Num contexto de enorme desigualdade na distribuição do poder e do controlo, este romance apresenta-nos uma estratégia activista que diverge marcadamente das soluções evasivas da geração Beat” (Rosenwein, 2000: 50).

²Na introdução que escreve para o romance, o crítico Robert Faggen salienta que o binómio central do romance não é o de estar louco vs. estar são, mas sim o de estar condicionado vs. estar livre.

³Todas as traduções apresentadas são da responsabilidade do autor.

O objectivo deste trabalho consiste em recorrer à teoria do crítico canadiano Sacvan Bercovitch sobre a ubiquidade da retórica puritana ao longo da história dos EUA, em particular ao estudo *The Rites of Assent*, no sentido de avaliar as contradições e ambiguidades da obra de Kesey, assim como a relevância que estas assumiam no âmbito da cultura norte-americana da época. É, então, uma metodologia de carácter marxista, baseada na análise das incoerências textuais, aquela que Bercovitch sugere, no sentido de perceber melhor e com mais rigor as complexidades vectoriais da história com que a obra em questão dialoga:

este novo Marxismo [...] requer uma close-reading ainda mais aprofundada do texto - uma atenção mais rigorosa ao paradoxo, à ironia e à ambiguidade - do que aquela que os New Critics tinham sonhado. O texto aparenta abarcar todas as subtilezas do processo histórico e por isso a história pode ser entendida através das subtilezas da crítica literária (Bercovitch, 1993: 361).

Começarei, como tal, por apontar aqueles que penso que são os pontos fundamentais da teoria bercovitchiana no que respeita a retórica puritana, que, na opinião do autor, ainda hoje molda o pensamento utópico norte-americano. Este parece, com efeito, continuar a manter uma existência parasítica e incestuosa em relação ao mesmo ideal atemporal de felicidade louvado pelos fundadores da colónia de Nova Inglaterra.⁴ É a não-concretização desse paraíso prometido que a maior parte dos autores “revolucionários” americanos lamentam e, ao fazê-lo, acabam por reforçar e ser absorvidos pela mesma retórica que legitimara o caminho seguido pela sociedade norte-americana da sua época. Isto só é possível porque, segundo Bercovitch, toda a ideologia carrega consigo o seu oposto, isto é, carrega consigo maneiras diferentes de atingir o mesmo ideal:

Toda a ideologia [...] gera o seu oposto e todas as culturas criam contra-culturas. Os mesmos ideais que a certa altura sustentam o sistema podem mais tarde servir de base a um novo consenso revolucionário, um consenso que coloque essas ideias ao serviço de um modo de vida, moral e material, inteiramente diferente (Bercovitch, 1993: 364).

⁴Bercovitch, reportando-se em particular ao esforço do pastor Cotton Mather, salienta que as gerações que herdaram o legado dos puritanos conseguiram, progressivamente, preservar a retórica da “América” da influência disruptiva da história: “A segunda geração de colonos tinha-se virado para a retórica como compensação pela traição do Velho Mundo. Mather levou esta estratégia um pouco mais adiante, transformando a retórica numa compensação pela traição do Novo Mundo pela história. [...] O seu objectivo [...] era proteger o mito da história” (Bercovitch, 1993: 88).

Num momento seguinte, procurarei averiguar se *One Flew over the Cuckoo's Nest* reproduz essa dinâmica cíclica e ritualista que Bercovitch considera estar na base da visão da “América” e, se sim, de que modo a problematiza. As conclusões a que chegarei permitir-me-ão, esperançosamente, delinear quais as implicações identitárias, políticas e histórico-culturais das ideias colocadas em potência no misterioso desfecho do romance.

Para além disso, este será um processo de descoberta que nos permitirá examinar qual a margem de manobra para a pesquisa e a intervenção no âmbito dos Estudos Americanos. Corremos também, nós, investigadores, o mesmo risco de ser assimilados pelo objecto a que dedicamos o nosso estudo? Estou convencido de que o presente trabalho oferecerá algumas propostas de resposta a várias destas questões. Possivelmente, ao analisarmos quem voa e para onde voa no romance de Kesey, voaremos também nós até um conhecimento mais informado e responsável relativamente às complexidades da “América” e dos seus Estados Unidos.

1

Ideias Principais da obra *The Rites of Assent*

Relativamente à criação do símbolo da “América”, Sacvan Bercovitch não deixa margem para dúvidas – apesar de todos os vetores histórico-culturais que contribuíram para a sua fecundação, os verdadeiros progenitores da retórica excepcionalista do povo americano foram os puritanos de Nova Inglaterra. Com efeito, tanto os colonos a bordo do Arbella como os seus sucessores souberam aproveitar as matérias-primas que tinham ao seu dispor, conseguindo amalgamá-las num projecto ideológico que logrou perpetuar-se, apesar das pressões históricas que o colocavam em causa e não obstante a grande heterogeneidade do povo americano.

Para além da invenção da imprensa e de um maior acesso aos textos bíblicos por parte das populações, dois dos factores que mais contribuíram, no entender de Bercovitch, para a criação do ideal da “América” foram, por um lado, a “descoberta” do continente americano e, por outro, a Reforma Protestante. Começemos por reportar-nos ao achado do território. Neste âmbito, é fulcral salientar a importância dos mitos de abundância (e terror) que, no período renascentista, circulavam no

pensamento europeu relativamente às possíveis terras a oeste do Velho Continente, para lá dos Pilares de Hércules. Foi através daqueles que se justificou uma ligação com os mitos bíblicos de um Novo Éden.

Contudo, essa analogia não seria possível sem a influência do segundo vetor que mencionei – a Reforma Protestante. Esta veio permitir que os fiéis pudessem ter um contacto directo com as Sagradas Escrituras, ao contrário do que acontecia na Igreja Católica, que os Protestantes viam com maus olhos, especialmente por causa do materialismo dos seus sacerdotes. No entender dos apóstatas, a Igreja Católica era o anticristo que eles, enquanto verdadeiro povo de Deus, tinham a missão de redimir. É deste modo que se difunde pela Europa, por esta altura, um ideal federalista, ou nacionalista-universalista, que, fazendo-se valer do seu carácter vago, visava a unificação de toda uma multiplicidade de povos (de um modo semelhante à junção das doze tribos judaicas de Israel), em prol da construção de um novo paraíso.

Foi com esta ideia em mente que, a bordo do Arbella, John Winthrop proferiu o famoso discurso da “cidade no topo da colina”. Por esta altura, o ideal federalista era ainda partilhado pelos grupos protestantes da Europa, algo que permitia que pudessemos incluir a retórica de Winthrop num âmbito transatlântico e não meramente americano, como salienta Bercovitch. Contudo, depois do fracasso da Commonwealth puritana de Oliver Cromwell e com a diminuição do fervor apocalíptico um pouco por toda a Europa, os colonos americanos ficaram sozinhos na sua demanda pela Nova Israel. Porém, Bercovitch aponta que foi precisamente neste ponto que os puritanos da Nova Inglaterra se demarcaram dos seus contemporâneos – embora a história pusesse em causa o seu projecto utópico, eles nunca deixaram que esta o destruísse.

Com efeito, o facto de terem sido abandonados pelo Velho Mundo acabou mesmo por revelar-se benéfico para a solidificação da retórica puritana. Podiam, deste modo, enfatizar o seu carácter como povo ostracizado, exilado, e, especialmente, eleito por Deus para levar a cabo a derradeira tentativa de redenção da humanidade.⁵ No sentido de reforçar a qualidade sagrada da missão americana, a segunda geração de imigrantes consumou a canonização das figuras fundadoras da colónia de

⁵Bercovitch salienta que os puritanos entendiam a sua missão singular como a última que teria a oportunidade de conseguir redimir os pecados humanos.

Massachusetts como "antitypes" de personagens bíblicas.⁶ Assim sendo, John Winthrop, por exemplo, viria a ser entendido como o Moisés da Nova Inglaterra, encarregue de conduzir o seu povo até às portas da Terra Prometida, num movimento igualmente análogo ao do êxodo do povo hebraico do Egipto.

A comunidade americana apresentava-se, como tal, como algo de novo, isto é, que implicava uma ruptura com o status quo do Velho Mundo e, ao mesmo tempo, como um grupo de pessoas abençoadas que mantinham uma relação íntima com um ideal de um passado remoto e mitológico. Note-se que também o próprio território contribuiu para acentuar o carácter marcadamente diferente e novo do povo americano. Embora o projeto puritano fosse universal, era em simultâneo uma iniciativa nacional, não só porque implicava o delineamento de uma missão comum, mas também, como diz Bercovitch, porque pressupunha a asserção da excepcionalidade do povo e do local em questão.

Estavam, então, traçados os contornos da missão americana: um novo povo encarregado de construir o paraíso num Novo Mundo. Foi, com efeito, a existência desse objectivo comum aquilo que permitiu aproximar a heterogénea massa imigrante do território e que motivou a exploração e colonização do último.⁷ Segundo Bercovitch, a missão americana era concebida em termos de uma peregrinação perpétua, que concebia a ansiedade e o conflito não como factores adversos à concretização da promessa, mas como elementos indispensáveis ao progresso da nação: "A missão [dos Puritanos], afinal de contas, implicava necessariamente um estado de permanente insatisfação, e apenas um estado de crise [...] poderia garantir a sua concretização" (Bercovitch, 1993: 34).

Por sua vez, o conflito era entendido como o choque da comunidade com um grupo ou uma pessoa que advogasse uma ideologia diferente. Por exemplo, no caso de

⁶ Interpretar uma personagem como antitype pressupõe que, mediante uma leitura "figurada" (isto é, simultaneamente alegórica e factual) da história, seja estabelecida uma comparação com outra personagem, tanto a nível do contexto em que esta se movia, como em termos da função actancial que desempenhava na estrutura textual em que estava contida.

⁷ Enquanto projecto sacro-secular, o avanço da "América" pressupunha, de facto, um progresso material (incentivando a solidificação do capitalismo), mas apenas porque este estava sempre aliado a um progresso espiritual, como aponta Bercovitch: "Permitam-me que repita que [os objectivos dos Puritanos] eram simultaneamente seculares e sagrados. [...] Cada sinal de sucesso do indivíduo, moral ou material, dava visibilidade ao destino da Nova Inglaterra" (Bercovitch, 1993: 33).

The Scarlet Letter, Bercovitch considera que o pecado de Hester Prynne não tinha de todo que ver com o ato (criminoso) de adultério que cometera, mas sim com o facto de manter, às escondidas, uma atitude de rebeldia e de independência intelectual relativamente ao ideal de verdades múltiplas que o A de “América” no seu peito simbolizava. Bercovitch realça várias vezes o facto de o narrador da obra dizer, a meio desta, que o ofício da letra escarlate não tinha sido cumprido até então. Com efeito, o símbolo de Hawthorne caracteriza-se por manter uma atitude de inércia relativamente ao pecado – o pecado será absolvido quando Deus assim o entender. Essa posição de inacção só se justifica porque se parte do princípio de que não há escapatória possível: o pecado terá de ser absolvido no final. Como tal, não se trata de Hester optar por pecar e manter a sua integridade ou ceder e ser absorvida pelo pluralismo da “América”. O que Bercovitch nos diz é que Hester não tem escolha possível, uma vez que toda a interpretação do real é apenas uma entre as infinitas verdades possíveis no âmbito de uma Verdade totalizadora. É por essa razão que, no final da obra, Hester está condenada a regressar à “América” “de livre vontade”, convertendo-se num dos indivíduos representativos ao serviço da mesma “classe média” que a excluía inicialmente.⁸

Uma vez que a retórica sustentada pela letra escarlate tem um fim definido, não deixa de ser válida uma posição que ajude a letra a cumprir o seu ofício. Deste modo, os americanos podiam atuar segundo a ideologia que quisessem, desde que recorressem ao argumento da vontade de Deus e ao mito ancestral da “América” no intuito de justificar os seus actos. A título de exemplo, Emerson reverteu a política de paciência defendida por Hawthorne ao apelar à intervenção humana, e como tal, à violência, no sentido de acelerar a justiça divina relativamente à abolição da escravatura. A águia da coerção era, então, apenas a outra face da mesma moeda

⁸ A transformação interior sofrida por Hester converte a personagem num dos actores de socialização ao serviço da “classe média” puritana. Bercovitch deixa bem claro que, na “América”, pertencer à classe média tem que ver com um a adopção de uma determinada perspectiva moral e não com o estatuto económico. Como Bercovitch deixa crer, a reviravolta final do romance, que leva a personagem a impor o símbolo de livre vontade, pressupõe o reconhecimento de algo que sempre fora verdade desde o início – a parcialidade da sua interpretação do real e a parcialidade da interpretação textual do leitor, que, tal como Hester, é cúmplice do processo democrático de produção simbólica.

relativamente à estratégia de inacção de Hawthorne, sendo que ambos os símbolos estavam ao serviço do simultaneamente inclusivo e restritivo projecto da “América”.⁹

O sonho americano era, como tal, o ideal em prol do qual os indivíduos envolvidos na peregrinação comunitária agiam. No fundo, aquilo que permitia que houvesse discrepância a nível de interesses entre as várias facções que se moviam no palco social dos EUA tinha, precisamente, a ver com o modelo de sociedade que consideravam melhor servir a mesma imagem utópica da “cidade no topo da colina”. Deste modo, são facilmente compreensíveis as lamentações de muitos autores e políticos americanos que acusam os seus contemporâneos de terem abandonado o verdadeiro ideal americano. Bercovitch aponta que foi precisamente este ciclo vicioso de críticas nostálgicas, sustentadas num mesmo ideal utópico, que contribuiu para a criação de um mecanismo ritualístico de controlo sob a forma da jeremiada americana. Como tal, no entender de Bercovitch, os autores clássicos americanos e, particularmente, os autores da Renascença do século XIX, tão reconhecidos pelo potencial revolucionário dos seus textos, acabam também por cair nesta lógica. No fundo, o ideal revolucionário que estes advogam é, nada mais, nada menos, que o mesmo ideal que está na base do status quo e que, por conseguinte, estes acabam por reafirmar.

É esta, então, a teia ideológica que parece dominar a cultura e o pensamento norte-americanos e que aparenta, com efeito, ser impossível de combater. Bercovitch não oferece, de facto, nenhum vislumbre de uma saída possível relativamente à dinâmica circular que descrevi. O que o autor aponta é que é inevitável que o ser humano se mova no espaço circunscrito da ideologia e, como tal, se a matriz puritana de pensamento não tivesse perdurado, outra haveria tomado o seu lugar. Deste modo, Bercovitch conclui a sua obra dizendo que o único espaço de acção que temos ao nosso dispor como americanistas está localizado dentro da ideologia do consenso.

É a partir do âmbito da ideologia que podemos ter acesso ao espaço a que Bercovitch dá o nome de “a outra América”, isto é, o espaço de contradições que

⁹ Sendo que o que se perdia no processo de inclusão era a referida especificidade ideológica que caracterizava a verdade do indivíduo ou do grupo em questão como verdade última, e não como apenas mais uma verdade entre um infinito rol de verdades. Note-se, paradoxalmente, que a Verdade pluralista da “América” é, ela própria, uma ideologia.

existe no limbo entre a “América” do consenso e os Estados Unidos, enquanto país com problemas sociais enormes e grandes assimetrias de poder em termos de classe, sexo, raça e religião. Como sabemos, o melhor sítio para estudar as ambiguidades e assimetrias entre a ideologia e a história continua a ser a literatura, com as suas omissões, paradoxos e ironias. Tendo estas ideias como ponto de partida, vejamos, então, o que podemos descobrir a partir da leitura da tragicomédia de Ken Kesey, *One Flew over the Cuckoo’s Nest*.

2

Uma Leitura Bercovitchiana de *One Flew over the Cuckoo’s Nest*

2.1

A Música do Ninho de Cucos

Nos momentos iniciais de *One Flew over the Cuckoo’s Nest*, Bromden encarrega-se de nos fazer uma visita guiada pelo interior do hospital psiquiátrico onde se encontra internado. O narrador dá-nos a conhecer o clima de opressão do local, bem como as figuras de autoridade responsáveis pela sua manutenção.

Ratched, também conhecida pelo epíteto de “Big Nurse”, é a enfermeira que chefia a equipa encarregada de manter os doentes dóceis e submissos, fazendo com que estes cumpram um leque de regras destinadas a mecanizar os seus comportamentos.¹⁰ É esta a impressão com que ficamos logo desde o início do romance, altura em que Bromden descreve a bolsa carregada por Ratched, que tão bem caracteriza o seu ofício: “ela traz consigo uma bolsa carregada de milhares de partes essenciais para o cumprimento do seu dever - rodas dentadas polidas e reluzentes, minúsculos comprimidos que brilham como porcelana” (Kesey, 2005: 4). Com efeito, a própria enfermeira é descrita, em simultâneo, como uma máquina e como uma boneca, construída sem qualquer erro ou falha, à excepção dos seios, que, pela sua voluptuosidade, mostram que há, para grande desgosto dela, uma mulher por detrás da farda.¹¹

¹⁰ Aqui poderemos, talvez, estabelecer uma analogia com a figura Orwelliana do “Big Brother”.

¹¹ A própria sonoridade do nome da enfermeira aponta no sentido de a entendermos como engrenagem de uma máquina que só admite um movimento unidireccional. Podemos ainda estabelecer uma relação com outra palavra homófona sugerida pelo seu nome: “wretched”. Por intermédio deste

A descrição do panorama de repressão do hospício continua após a chegada de McMurphy, personagem de importância central na obra, que irá trazer o pomo da discórdia para o interior da enfermaria de Ratched. Com efeito, um dos diálogos mais relevantes do livro é aquele em que Harding troca impressões com McMurphy relativamente à natureza do poder da “Big Nurse”. Ambos chegam à conclusão de que a enfermeira é uma figura prototípica cujo objectivo é emascular os homens que tem a seu encargo, no sentido de garantir que estes cumprem as suas ordens e as normas do social. Contudo, Ratched é apenas uma das engrenagens de uma máquina comunitária de dimensões gigantescas, que visa controlar e homogeneizar os cidadãos americanos. É de um modo bastante semelhante que Bromden define a função da enfermeira naquilo a que ele dá o nome de “Combine”: “O seu trabalho também tem como objectivo o ajustamento do mundo Exterior. A seu lado trabalham outros como ela a quem eu gosto de chamar a 'Combinação', uma grande organização que trabalha no sentido de ajustar tanto o mundo Exterior como o Interior" (Keseey, 2005: 24).

Podemos, com efeito, estabelecer uma relação entre o clima da enfermaria e o panorama de opressão que caracterizou os EUA durante as décadas iniciais da Guerra Fria, que irei descrever de modo muito sucinto. Durante a Segunda Guerra Mundial, as mulheres americanas tinham ocupado muitos dos postos de trabalho dos homens, que tinham partido para os campos de batalha. Quando estes regressaram a casa, várias medidas foram aplicadas no sentido de fazer com que recuperassem os seus antigos empregos e o seu papel como chefes de família. Em simultâneo, notou-se um esforço para resgatar a imagem da mulher como fada do lar e consumidora. Contudo, o status quo havia sido abalado e algumas mulheres não estavam dispostas a abdicar da independência económica que haviam conquistado, algo que questionava, como tal, o poder do patriarcado. Por sua vez, o clima da Guerra Fria veio a dar mais algumas dores de cabeça à sociedade falocrática. Embora os medos, especialmente durante o início dos anos 50, fossem direccionados em particular para os comunistas, este conspícuo clima de tensão apontava o dedo a outras potenciais ameaças à hegemonia

significado podemos ter acesso a uma outra visão da enfermeira, isto é, enquanto personagem inocente relativamente às atrocidades que vai cometendo ao longo do romance, por estar a ser manipulada por uma ideologia que a transcende, sendo isto algo que incita um sentimento de compaixão para com ela.

do Homem, nomeadamente negros, homossexuais, jovens delinquentes e, como já vimos, mulheres.¹²

Como tal, a ordem masculinista tinha de ser mantida a todo o custo e, para garantir que isso acontecia, existia a “Combinação”. Ironicamente, no romance de Kesey, a regulação social assegurada pelos mecanismos da “Combinação” está ao serviço de um poder patriarcal de que, aliás, o público ninho de cucos do título da obra é símbolo.¹³ Para além disso, a imagem do ninho volta a surgir mais tarde no romance, associada às comunidades suburbanas de vivendas massificadas, que se tornaram ubíquas durante os anos 50 graças à proliferação da classe média.

Como vimos na secção anterior deste trabalho, no entender de Bercovitch, a “classe média”, para além de significar um determinado estatuto económico, carrega consigo um outro significado, que tem a ver com a defesa de um ideal moral. Esse ideal é, como sabemos, o ideal da “América”. Parece, realmente, ser esse projecto de construção de uma utopia social aquilo que está por detrás do modo como *Ratched* age. Podemos, com efeito, afirmar com toda a segurança que a enfermeira tem um desígnio em mente: “A Grande Enfermeira observa-nos através do seu vidro especial, sempre polido até ao ponto em que não é possível notar-se a sua presença, e acena com a cabeça face ao que vê, rasgando folhas do calendário à medida que se vai aproximando o dia em que concretizará o seu objectivo” (Kesey: 2005, 29). Por intermédio de Doctor Spivey sabemos, para além disso, que o objectivo da comunidade terapêutica em questão consiste na criação de uma enfermaria democrática, totalmente governada pelos doentes, no sentido de, paradoxalmente, fazer com que se convertam em cidadãos dignos de andarem no exterior.

Pretende-se, como tal, que os doentes da enfermaria se adaptem às normas e às convenções do social. Deste modo, aqueles são mantidos no purgatório até que (quando “Deus” assim o entender) consigam completar os passos pré-definidos pelo ritual de consenso e obtenham a purificação. É por este motivo que Bercovitch aponta

¹² A palavra “Homem” aparece maiúsculada de modo deliberado, no sentido de ironizar o seu carácter generalizante.

¹³ Robert Faggen aponta que, para além de ser usada para significar “hospital psiquiátrico”, a expressão “ninho de cucos” pode também ser empregue para fazer referência ao órgão sexual da mulher.

que a prisão era um instrumento fundamental para a construção da utopia imaginada pelos puritanos.

Relembrando o que dissemos acima a respeito de *The Scarlet Letter*, podemos, com efeito, afirmar que um dos passos previstos pelo ritual do consenso pressupunha que os hereges abdicassem da sua liberdade intelectual e da sua individualidade, a fim de consumir a sua conversão em indivíduos representativos da comunidade. Note-se que os pecadores (leia-se, aqueles que mantêm um pensamento independente) só podiam ser absolvidos assim que, tal como Arthur Dimmesdale, em *The Scarlet Letter*, tornassem públicos os seus erros. Esse é, como tal, um dos muitos outros objetivos da enfermaria – os doentes deveriam confessar os seus pecados e, se possível, denunciar os dos seus companheiros:

E se ouvires um amigo dizer alguma coisa durante uma conversa, então aponta o que se passou para que a equipa médica fique informada. Não tem nada que ver com ser 'bufo', como dizem nos filmes, mas com ajudar os teus camaradas. Traz esses velhos pecados cá para fora para que possam ser purgados à vista de todos (Keseey: 2005, 44).¹⁴

Pretendia-se, como tal, que os doentes abdicassem da sua individualidade e escolhessem uma identidade de entre as várias que se encontravam disponíveis no circunscrito repositório pluralista que a comunidade colocava ao seu dispor. No âmbito do romance, é, com efeito, o funcionário das relações públicas aquele se encarrega de apresentar o mostruário identitário da comunidade. Numa das alucinações de Bromden, o referido funcionário aparece a escalpar um cadáver, adicionando, de seguida, a peruca do defunto à sua vasta coleção.¹⁵ É, como tal, todo um leque de identidades protéticas aquilo que a “classe média” tem para oferecer aos seus fiéis. São, para além disso, as identidades dos mortos, ou seja, as roupagens incestuosamente atemporais dos puritanos, com todos os sonhos abortados que estas carregam nos bolsos.

Como iremos ver de seguida, a visão que McMurphy tem para oferecer aos seus seguidores é, pelo menos aparentemente, bastante diferente daquela que acabei de

¹⁴ A questão das denúncias remete-nos, de imediato, para a era de Joseph McCarthy e da sua “caça às bruxas”.

¹⁵ Este episódio aparece, provavelmente, em tom de paródia com uma afirmação de Bromden, mais adiante no romance, a respeito dos estereótipos dos índios: “[Os turistas] não vêm à aldeia porque provavelmente ainda pensam que nós ainda escalpamos e queimamos pessoas” (Keseey, 2005: 180).

descrever. A enfermaria é, efectivamente, um microcosmo da sociedade norte-americana na medida em que tenta, sorratamente, hipnotizar os indivíduos que alberga por intermédio do silencioso som do consenso. Também os cães do conto de Franz Kafka, a que Bercovitch se reporta no início do seu livro, são alvo de um feitiço musical muito semelhante. A este propósito, Harding diz-nos: “Ah, sim, a tal música de que se fala por aí. Sim, suponho que a podemos ouvir se nos concentramos, mas, de qualquer modo, podemos até ouvir o nosso batimento cardíaco se nos concentrarmos” (Kesev, 2005: 70-71). Contudo, McMurphy deixa bem claro que a música da opressão tem de ser ouvida para poder ser combatida. Deste modo, um dos primeiros passos para podermos compreender as complexidades ideológicas de *One Flew over the Cuckoo’s Nest* consiste em reconhecer que a canção subtil que encasula o ninho de cucos é, na verdade, a música da “América”.

2.2

The Great McMurphy

Aquilo que McMurphy traz de novo aos companheiros da enfermaria é, com efeito, uma visão alternativa à do status quo, ainda que suportada no mesmo ideal utópico da “América”. Com efeito, a suposta sociedade modelo erigida pela “Combinação” representa mais uma das infinitas tentativas falhadas de concretizar o projecto idealizado pelos puritanos. Não é estranho, como tal, que os doentes do hospital psiquiátrico exprimam o seu descontentamento relativamente àquilo que a “América” se tornou e sejam persuadidos pelos ideais que McMurphy representa. Referindo-se às lamentações de FredrickDouglass relativamente à sociedade americana de então, Bercovitch aponta que esse recorrente sentimento de desencanto com o presente é inevitável, uma vez que existe sempre um fosso entre aquilo que a sociedade é na prática e a utopia que prometeu que seria.

Como disse, aquilo que McMurphy representa para os seus companheiros, na sua virilidade de cowboy do faroeste, é o ideal americano em todo o seu esplendor de liberdade e possibilidades. Ao invés das identidades postiças coercivamente oferecidas pela “Combine”, McMurphy dá a crer aos novos amigos que eles podem, na verdade, ser o que eles bem quiserem. A cosmovisão deste herói tipicamente americano está bem patente na apologia que este faz do riso. Quando, no barco em que vão pescar,

McMurphy consegue, finalmente, provocar uma explosão orgásmica de gargalhadas entre os companheiros, este consagra a sua vitória sobre a opressiva “Combine”.

Em “Stultifera Navis”, primeiro capítulo da sua obra *Madness and Civilization*, o filósofo francês Michel Foucault defende que o riso do louco é aquele que troça de todos os credos em verdades absolutas, estando, como tal, associado à precariedade, à transitoriedade e, em suma, à morte. O riso dos tripulantes do barco de *One Flew over the Cuckoo’s Nest* é, como tal, o riso da “América”, isto é, do ideal que absorve todas as fragmentárias verdades num espaço universal de inclusão. Daí a magnitude das gargalhadas de Bromden e dos seus companheiros: “Eu estava fora do barco [...] sobrevoando o meu corpo, e podia olhar para baixo e ver-me a mim e aos outros [...] radiando uma gargalhada que ecoava na água em círculos cada vez maiores e mais longínquos até se quebrar ao colidir com as praias pela costa fora, em onda atrás de onda” (Keseey, 2005: 215).

No entanto, à medida que os seus doze discípulos se vão transformando em indivíduos representativos do referido ideal de independência, McMurphy vai, progressivamente, perdendo a força e o ânimo que o caracterizavam. Tal como Bromden aponta, era o movimento errante e zigzagueante da sua vida aquilo que havia permitido que McMurphy conseguisse escapar, sucessivamente, ao poder regulador da “Combinação”.¹⁶

Deste modo, embora tivesse conseguido, durante toda a sua vida, evadir a influência restritiva da comunidade, McMurphy acaba por criar laços junto dos seus companheiros, que usam os seus ideais para projectar aquilo que parece ser uma nova “Combinação”, sustentada, tal como a anterior, no ideal democrático da “América”. Bromden já havia antevisto esta paradoxal situação quando, num momento anterior do romance, diz que há um fio (semelhante aos da “Combinação”) que liga o seu braço ao de McMurphy e que o obriga a adoptar uma atitude de rebelião contra Ratched, embora o índio insista que tomou essa atitude de livre vontade.

¹⁶ Note-se que, aqui, devemos ter em consideração as duas acepções da palavra: erro enquanto movimento nómada e enquanto pecado. A partir da teoria de Bercovitch, podemos, com efeito, dizer que o pecado de McMurphy consiste em, tal como Hester Prynne, manter uma identidade independente relativamente à comunidade do consenso.

Com efeito, durante o ataque final de McMurphy à enfermeira, recebemos a confirmação de que o herói perdera a independência que outrora o caracterizava. Ao criar expectativas em relação à recuperação do mítico ideal americano do oeste, McMurphy auto-constitui-se, aos olhos dos outros doentes, como *antitype* de Moisés, Jesus Cristo e, inclusivamente, John Winthrop.¹⁷ O acto derradeiro de desafio perpetrado por McMurphy deve-se, como tal, às expectativas dos discípulos e, por esta altura, também às expectativas do leitor.¹⁸ Deste modo, no momento apocalíptico em que McMurphy rasga, violentamente, o uniforme da enfermeira e revela, por conseguinte, o corpo voluptuoso que esta tinha, pecadoramente, escondido da comunidade, o herói consagra a sua imagem como profeta de um Novo Mundo.¹⁹ A crucificação que tinha sido pressagiada pelo formato da mesa da terapia de choque vem a concretizar-se, então, no sacrifício final de McMurphy, que, tal como Hester Prynne, é obrigado a abdicar da sua individualidade em prol de uma Verdade superior de que a cruz, na sua representação da totalidade, é símbolo.²⁰

Mais uma vez comprovamos, como tal, a violência da interpretação. Como Bercovitch salienta, o ofício da letra escarlate condicionava a nossa interpretação num sentido unidireccional – a cooptação do potencial revolucionário e a sua consequente reformulação e reintegração ao serviço da cultura. É graças a este sistema interpretativo que o potencial revolucionário e amoral de McMurphy tem, obrigatoriamente, de ser forçado a convergir com o modelo americano do herói altruísta. Como tal, irónica e comicamente, McMurphy acaba por ser vítima da sua própria irreverência, permitindo que a gargalhada final seja concedida à retórica do consenso. Ao incitar a rebelião, McMurphy torna-se símbolo de uma causa que o

¹⁷ São várias, de facto, as referências que o livro de Kesey faz a personagens dos textos bíblicos, entre elas Pilatos (o homem que diz que lava as mãos relativamente à opressão da “Combinação”) e os doze apóstolos, um deles revelando-se, no final, um traidor (perante as ameaças de Ratched, BillyBibbit acusa McMurphy de o ter desviado do seu caminho).

¹⁸ A este respeito, Bromden diz-nos: “Não podíamos pará-lo porque fomos nós que o forçamos a fazê-lo” (Kesey, 2005: 274).

¹⁹ Anteriormente, Harding já havia renunciado este momento final de purgação: “Estamos perante o fim” (Kesey, 2005: 258). No entender de Bercovitch, a recorrente existência de momentos apocalípticos e milenaristas na narrativa nacional é algo que a mecânica de um ritual do consenso pressupõe.

²⁰ A totalidade da junção da linha horizontal com a linha vertical. Para além disso, a cruz também simboliza o triângulo de perfeição formado pelo Pai, Filho e Espírito Santo, ou seja, um movimento de perpétua regeneração bastante próximo do da “América”.

transcende e que o precede, tal como acontecera com a personagem epónima do romance *The Great Gatsby*. De um modo semelhante a James Gatz, R.P. McMurphy não passa de um ganancioso e amoral capitalista, e os seus companheiros sabem-no, tal como Nick Carraway sabia que Gatz não fazia nada sem ser por interesse. Quando a enfermeira os chama à atenção para este aspecto da personalidade de McMurphy, Harding descreve o anti-herói aos amigos da seguinte maneira:

Sejamos honestos e demos a este homem o que lhe é devido em vez de criticar o seu talento capitalista nas suas costas. Qual é o problema de ele querer lucrar um pouco com o que faz? [...]Ele não esconde os seus motivos, certo? E por que há de fazê-lo? Ele tem uma atitude honesta relativamente à sua malandrice e eu estou totalmente a seu favor, assim como estou a favor do nosso velho e querido sistema capitalista da iniciativa individualista, camaradas, a favor dele, da sua pujança e da bandeira Americana, bendita seja, do Memorial de Lincoln e de tudo o resto. [...]Sinto-me compelido a defender a honra do meu amigo como um velho vigarista cem-por-cento americano (Kesev, 2005: 229).

Apesar de todos os seus supostos defeitos, McMurphy é, então, louvado como símbolo da ancestral democracia capitalista norte-americana, isto é, da mesma democracia que havia desembocado no clima de opressão da enfermaria, denunciado lamuriosamente pelos doentes. Bercovitch descreve esta dinâmica cíclica deste modo: “Defender a injustiça por intermédio de violações particulares do livre empreendimento [...] significa consagrar o livre empreendimento enquanto pilar da sociedade justa” (Kesev, 2005: 366).

O carácter trágico do destino de McMurphy tem, então, a ver com o modo como os companheiros o forçam a simbolizar algo que ele, na sua fragilidade e humanidade, não pode, efectivamente, concretizar. Sendo assim, McMurphy, tal como a personagem de F. Scott Fitzgerald sua homóloga, é obrigado a elevar-se ao nível de um epíteto de grandiosidade que parece, de facto, não possuir. De todo o modo, é o ideal da “América” aquilo que lhe sobrevive e que o torna imortal, não enquanto R. P. McMurphy, mas sim como “The Great McMurphy”.

2.3

The Return of Chief Broom

Pretendo finalizar a minha leitura da obra de Kesev reportando-me ao argumento da sua circularidade, que defendi desde o início deste trabalho. Para esse efeito,

tomemos em atenção, em primeiro lugar, a epígrafe que abre o romance, sendo com ela que o título deste texto pretende dialogar: “um voou para o este, um voou para o oeste, um voou sobre o ninho de cucos”.

Tomando como ponto de partida as ideias desenvolvidas nas secções anteriores do presente trabalho, podemos, com efeito, dizer que, neste livro, encontramos um modelo de sociedade fracassado (a enfermaria), mas igualmente suportado no ideal utópico da “América” em prol do qual McMurphy se sacrifica. Deste modo, podemos entender que McMurphy é a personagem que voa rumo ao mítico oeste (“um voou para o oeste”), no sentido de redimir os pecados de Ratched, símbolo do apocalíptico Velho Mundo (“um voou para o este”). Sabemos, com certeza, que a visão defendida por McMurphy irá, ela própria, fracassar, uma vez que a utopia nunca pode ser concretizada na prática. Se tal acontecesse, deixaria, com efeito, de haver um propósito que justificasse a continuação da missão americana. Caso optemos por reconhecer essa inevitabilidade, voltamos, como tal, ao ponto de partida – uma sociedade mal sucedida, que aguarda a sua redenção.

Um dos elementos do romance que aponta no sentido desta estrutura simbólica cíclica é a personagem de Ellis, que, no início do livro, encontramos crucificado numa das paredes da enfermaria. Bromden descreve a personagem, de modo ambíguo, como um troféu empalhado. Será possível, então, que possamos reconhecer em Ellis o mesmo sacrifício da individualidade levado a cabo por McMurphy? Este último fora igualmente convertido num mítico troféu representativo de um estilo de vida ideal. Deste modo, não estará a visão do grandioso McMurphy destinada a transformar-se, na prática, numa sociedade tão opressiva como aquela de que Ellis é representativo? Uma coisa é certa – no entender de Bromden, a missão redentora de McMurphy é, com efeito, concebida como um processo sem fim, em que muitas outras pessoas virão desempenhar a mesma função do anti-herói. A minha sugestão é, então, que este processo é, na verdade, redundante e incestuoso, uma vez que tem sempre por base o mesmo ideal atemporal da “América”.

Como vimos acima, Robert Faggen diz que um dos significados possíveis do “ninho de cucos” tem a ver com o órgão sexual feminino, ou seja, com uma sociedade matriarcal que visa “emasculiar” e controlar o indivíduo (homem ou mulher). No entanto, Faggen diz ainda que o “ninho de cucos” está também associado à loucura e à

erupção do caos por causa do modo como os cucos põem os seus ovos. Estes são deixados nos ninhos de outros pássaros. Depois de o cuco atingir a maturação, expulsa os donos do ninho dos seus próprios abrigos e converte-se num tirano. Partindo do princípio de que os dois significados sugeridos por Faggen se complementam, podemos dizer que isto é algo que, com efeito, reproduz toda a dinâmica cíclica que descrevi a propósito da ideologia da “América” e do modo como esta se encontra reproduzida mimeticamente no romance de Kesey – um tirano (a sociedade patriarcal) que é derrubado pelo indivíduo ostracizado, que se converte, por sua vez, noutra tirano. Assim, podemos dizer que a “América”, enquanto ninho disputado por forças da mesma índole, pressupõe que estas voem incessantemente em volta do seu abrigo, competindo por ele entre si, já que nunca o conseguem totalmente dominar.

Quem voa, então, sobre o ninho de cucos? Na adaptação fílmica do romance, a última cena mostra-nos a saída triunfal de Bromden do manicómio, correndo por entre verdes campos, provavelmente rumo à recuperação da sua identidade ancestral. O final do livro de Kesey não é, contudo, tão optimista. Em primeiro lugar, o índio experimenta o gorro de McMurphy e verifica que este é demasiado estreito para caber na sua cabeça. A infinitamente generosa pluralidade da “América” parece, afinal, não ser suficientemente elástica para abraçar a identidade do índio. Assim que efectua a sua fuga do manicómio, Bromden corre em direcção à auto-estrada, reproduzindo, desse modo, o movimento de um cão que, num momento anterior da narrativa, se dirigia para a sua própria morte.²¹

A partir da lógica circular que descrevemos há pouco, podemos, com efeito, compreender que, caso fosse efectuada, o voo sobre o ninho de cucos implicaria um abandono da retórica da “América”. Aquilo que o romance de Kesey nos diz é que tal não é possível. Ao recorrer à ideologia santificada por McMurphy para recuperar o seu passado, Bromden depara-se com duas opções, ambas igualmente más. Uma delas implicaria a sua transformação em indivíduo representativo da “classe média” e, como tal, a adopção da identidade hifenizada que o definiria como “Native-American”. Segundo um ponto de vista diferente, Bromden poderia manter a sua individualidade

²¹ É este um dos argumentos de Elaine B.Safer, no seu ensaio sobre o romance: “Bromden, no final do romance, lembra-se do cão galopante, mas esquece-se do facto de que este se movia em direcção à morte” (Safer, 1989: 154).

como índio e, como tal, justificar a sua aniquilação por intermédio do mesmo poder que o ajudara a recuperar as memórias do seu passado.

A frase que fecha o romance, “Estive longe tanto tempo” (Kesey, 2005: 281), deixa-nos crer que, possivelmente, Bromden não voltou à sua terra natal. A minha proposta, sugerida e sustentada pela ambiguidade do final do livro, tem, novamente, a ver com a circularidade simbólica que sugeri acima. Preso entre duas alternativas, ambas obliteradoras da sua liberdade, Bromden regressa, como tal, ao lugar para si destinado no seio da comunidade americana: o purgatório da enfermaria, local onde vai, aos poucos, varrendo a sua identidade. Alternativamente, podemos também colocar a hipótese de ele nunca de ter saído da enfermaria, uma vez que, antes de iniciar a história de McMurphy, Bromden diz-nos que tudo o que irá contar é verdade, mesmo que nunca tenha acontecido: “É a verdade mesmo que nunca tenha acontecido” (Kesey, 2005: 8). De uma maneira ou de outra, ficamos com a certeza de que, embora Bromden regresse, literal ou metaforicamente, a casa, o ofício da letra escarlata ainda está por cumprir.

Conclusão

A Voz da “Outra América”

Partindo da perspectiva através da qual abordei o final do romance de Kesey, podemos dizer que, com efeito, Bromden acaba o romance tal como o começou – em silêncio. Segundo a mecânica da retórica puritana, o “outro”, no seu pecado de liberdade de pensamento, apenas existe na medida em que pode ser purgado e absorvido pelo perpetuamente inclusivo ideal da “América”.

Ao colocar a nu as contradições acarretadas pela cíclica retórica americana, Ken Kesey abre, contudo, as portas para uma análise do fosso existente entre a ideologia e a história, lugar intersticial onde, como vimos anteriormente, podemos encontrar a “outra América” de que nos fala Bercovitch. É nesse espaço que podemos ter um vislumbre dos mecanismos de coerção que visam integrar o demonizado “outro”. Por exemplo, no seu estudo *A People’s History of the United States*, Howard Zinn descreve muitas das crueldades perpetradas pela comunidade americana sobre os índios durante a década de 60. Alguns destes episódios da história chegam mesmo a ser bastante semelhantes àqueles descritos no romance de Kesey. Por exemplo, a

destruição da aldeia de Bromden, no sentido de ser construída uma gigantesca barragem é algo que tem muito em comum com os motivos que levaram à inundação da reserva da tribo Seneka, no início da década. Para além disso, a pesca do salmão é uma das memórias encaradas com mais nostalgia por parte de Bromden. Zinn diz-nos que, em 1964, um grupo de índios foi preso, no estado de Washington (onde também se localizava a aldeia de Bromden), por pescar sem licença, tempos depois de ter sido assinado um tratado que concedia aos índios direitos piscatórios.

Como tal, a nossa função enquanto investigadores associados aos Estudos Americanos consiste em situar no contexto uma retórica que, desde o início, repele a força destabilizadora da história.²² Embora estejamos, também nós, condicionados pela própria lógica cíclica e omnívora do nosso objecto de estudo, já que, no fundo, a nossa interpretação será apenas mais uma verdade entre muitas outras, isso não deve impedir-nos de agir. O que Bercovitch sugere é, então, o referido estudo das disparidades entre a retórica e a história, com vista a adquirirmos um conhecimento mais profundo e responsável, que revele ser uma mais-valia em termos de margem de manobra para a acção. Um conhecimento prudente logrará, como tal, colocar em perspectiva alguns dos problemas sociais que afectam o “outro”, que permanece ofuscado pelo carácter nacionalista-universalista da ideologia da “América”, que, passados vários séculos, continua a voar em torno de si própria. Um voo sobre o ninho de cucos pode, de facto, não ser possível. Mas uma atenção pormenorizada às complexidades da retórica e da história fará, seguramente, com que possamos voar sobre algumas das assimetrias sociais que afectam esse país tão excepcionalmente frágil que é os Estados Unidos da América.

²² O caso dos índios é o mais flagrante de todos, uma vez que a concepção do continente norte-americano como Novo Mundo ou como Terra Prometida implicava, necessariamente, o apagamento da história nativa, como nos diz Bercovitch.

Bibliografia

Bercovitch, Sacvan (1993), *The Rites of Assent*. Nova Iorque: Routledge.

Boardman, Michael M (2000), "McMurphy as Tragic Hero", in Lawrence Kappel (org.), *Readings on One Flew over the Cuckoo's Nest*. San Diego: Greenhaven. 133-139.

Faggen, Robert, (2005), Introdução. Ken Kesey. *One Flew over the Cuckoo's Nest*. Londres: Penguin. x-xxii.

Fitzgerald, F. Scott (2001), *The Great Gatsby*. Hertfordshire: Wordsworth Classics.

Foucault, Michel (2001), *Madness and Civilization*. Nova Iorque: Routledge.

Kesey, Ken (2005), *One Flew over the Cuckoo's Nest*. Londres: Penguin.

Rosenwein, Robert (2000), "Out of the '50s, into the '60s", in Lawrence Kappel (org.), *Readings on One Flew over the Cuckoo's Nest*. San Diego: Greenhaven. 48-53.

Safer, Elaine B (1989), *The Contemporary American Comic Epic*. Detroit: Wayne State.

Zinn, Howard (2003), *A People's History of the United States*. New York: HarperCollins.

Filmografia

One Flew over the Cuckoo's Nest [1975]. Real. Milos Forman. Warner Home Video, 2002. DVD.